

DIAGRAMA

CEFET-MG é notícia

NÃO É ZOEIRA...

CYBERBULLYING MATA

páginas 6 a 11

• TEMPO DE NOS AQUILOMBAR •

Pesquisa de mestrado do CEFET-MG sobre os quilombos recebe menção honrosa

páginas 4 e 5

• FECHOU O TEMPO •

Especialistas dão explicações sobre por que tanta chuva

páginas 10 e 11

• AGORA SÃO OUTROS QUINHENTOS •

Grupo de estudantes vence Olimpíada de Língua Portuguesa

página 12

Bullying virtual, problemas reais

O *cyberbullying* é um grande problema dentro do ambiente acadêmico. Além de nós, estudantes, temos que lidar com seminários, projetos, artigos para entregar, semana de Avaliação Somativa (AS) – todas coisas muito cansativas –, às vezes, ainda temos que enfrentar atritos e ofensas na internet. Depois de todas as dificuldades nas aulas, a última coisa que eu vou querer ouvir ou ler é algum infeliz me humilhando ou dirigindo qualquer comentário desrespeitoso à minha pessoa.

Passei, recentemente, por um caso desses no *Twitter*. Já tinha percebido a formação de “tribos virtuais” nessa rede, com pessoas que querem ditar normas de conduta, proibindo você de comentar sobre algo que queira. Normalmente, são coisas bobas, como falar de algum ídolo, retratar algum comportamento próprio no cotidiano, ou simplesmente declarar cansaço físico por conta do próprio CEFET-MG. Quando aconteceu comigo, eu fiquei sem chão e triste. Meus sintomas depressivos e ansiosos se agravaram muito e foi tão ruim quanto outros ataques de *bullying*, mesmo sendo feitos pela internet.

Quando vejo outras pessoas passarem por isso, busco dar todo o apoio possível e, principalmente, incentivá-las a procurar qualquer tipo de tarefa que possa distraí-las, como psicoterapia, exercícios físicos e companhia adequada. A psiquiatria e a psicoterapia me ajudaram muito nesses momentos difíceis, mas esperar tudo chegar ao ponto de precisar de ajuda médica é trágico demais.

Apesar de ser algo muito subjetivo e variar muito de pessoa para pessoa, essas perturbações decorrentes do *cyberbullying* impactam a vida como um todo. Algumas pessoas estão passando por momentos de muita delicadeza e um simples xingamento remoto pode ser a gota d’água para inundar tudo. Com isso, a pessoa fica sem saber o que fazer, atrapalhando seu desempenho escolar e pessoal.

Vejo que as ofensas na internet não podem ser passíveis de tolerância. É importantíssimo se colocar no lugar do outro e entender que existe uma pessoa por trás das telas, com perturbações, problemas e dificuldades na vida.

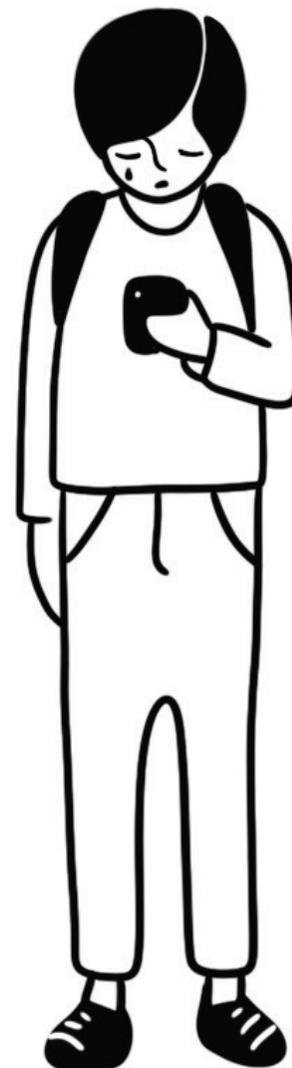


Ilustração: Brígida Mattos

Roberto*

Estudante do curso técnico em Estradas do CEFET-MG
(*nome fictício, o estudante pediu para não ser identificado)

• EXPEDIENTE •

Diretor-Geral
Prof. Flávio Santos

Vice-Diretora
Prof.ª Celeste Costa

Secretário de Comunicação Social
Luiz Eduardo Pacheco

Editor
André Luiz Silva
MTB 15.533/MG

Projeto Gráfico
Brígida Mattos Ornelas

Diagramação
Brígida Mattos Ornelas

Ilustração Capa
Brígida Mattos Ornelas

Equipe de Jornalismo
Diogo Tognolo
Flávia Dias
Gilberto Todescato Telini
Nívia Rodrigues



Av. Amazonas, 5.253 • Nova Suíça • Belo Horizonte • MG
CEP 30.421-169
Tel. (31) 3319-7004
cjc@cefetmg.br | www.cefetmg.br

Let's speak English

Programa oferece auxílio para estudantes de todos os níveis se aperfeiçoarem no idioma

• Nívia Rodrigues •

Mesmo com a diversificação de idiomas no mercado de trabalho, que inclui o Mandarim e o Espanhol, por exemplo, a Língua Inglesa continua sendo universal. Para oportunizar novas experiências e capacitar os estudantes, o CEFET-MG oferece, desde 2021, o Programa de Desenvolvimento em Língua Inglesa (Proling).

“Hoje o mercado exige não só o conhecimento técnico e científico, mas o domínio de uma língua estrangeira falada em todo o mundo”, avalia o coordenador pedagógico do Proling, professor Sérgio Gartner. Ainda assim, segundo a organização internacional do Reino Unido para relações culturais e educacionais, *British Council*, apenas 10,3% dos jovens de 18 a 24 anos afirmam saber falar inglês. “O curso ajuda os nossos alunos a consolidar os conhecimentos linguísticos já adquiridos. Muitos começam a estudar inglês pela primeira vez conosco, no intuito de melhorar o currículo e atender às demandas do mercado de trabalho”, completa.

A estudante de Engenharia Mecatrônica do *campus* Divinópolis Francielle Martins sabe bem a importância da capacitação. Francielle cursa atualmente o nível Básico II e recebe a bolsa desde o ano passado. “O inglês permite que o profissional reporte os resultados de investimentos estrangeiros com excelência e amplia as possibilidades de conhecimento de novas tecnologias que são desenvolvidas fora do país, podendo até mesmo construir uma carreira internacional”, esclarece.

Os estudos em inglês, aprimorados com o Proling, a ajudaram em vários processos seletivos de estágio e *trainee*. “O inglês para engenheiros é de vital importância, a fim de que se amplie as relações de trabalho com profissionais e empresas de todo o mundo. Saber se comunicar em inglês permite maior troca de experiências e saberes entre todos. Sou muito grata ao CEFET-MG por essa oportunidade”, revela.



Francielle Martins, de Divinópolis, acredita que o inglês pode abrir portas para uma carreira internacional

Mais de **700 milhões** de pessoas falam inglês como língua oficial

Mais de **900 milhões** falam inglês como segundo idioma

Oportunidades

Somente no início de 2022, foram distribuídas 500 bolsas entre os estudantes matriculados nos cursos técnicos, de graduação e pós-graduação do CEFET-MG. No ano anterior, havia sido mil bolsas. A escolha dos beneficiados se dá por meio de diferentes critérios, como o percentual de integralização do curso e o coeficiente de rendimento. É considerado também se o estudante é bolsista dos Programas de Assistência Estudantil ou ingressou na Instituição por meio de cotas, o que reafirma a importância do Proling como ferramenta para ampliar oportunidades.

O estudante recebe o auxílio de R\$ 1.196,98, condicionado à prestação de contas ao final do semestre. O valor foi definido mediante apuração de preços promovida pela Instituição. A ação é promovida pela Diretoria de Extensão e Desenvolvimento Comunitário (DEDC), por meio da Coordenação de Desenvolvimento de Carreiras.

Quem pode participar?



- Estudante que tenha integralizado de 30% a 80% da carga horária do curso;
- Que possua rendimento escolar de, no mínimo, 60% nas disciplinas cursadas;
- Que não tenha pendências no CEFET-MG.



Organização quilombola como modo de existência

Luta e resistência preta por meio da formação de quilombos é tema de dissertação que recebeu menção honrosa

• Nívia Rodrigues •

“É tempo de nos aquilombar”* e o termo, talvez, nunca esteve tão presente, mesmo representando o sentimento dos negros no Brasil desde a chegada das primeiras pessoas escravizadas no século XVI. Entender essa relação, por meio da história, da identidade e da organização de uma comunidade quilombola, foi o objetivo da dissertação defendida por Hellen Marquizini, no Programa de Pós-Graduação em Administração.

“Se há a dificuldade de o negro assumir sua identidade social como negro, como esse fenômeno se dá com as pessoas negras em uma comunidade quilombola?”, questiona a autora. Quilombos são organizações livres, políticas e sociais, construídas a partir de uma identidade étnico-racial e que objetivam promover a vida em comunidade estruturada por meio de resistência.

Na dissertação “Decisão de (re)existir!: histórias e modos de organizar de uma comunidade quilombola mineira”, Hellen foi orientada pela professora Ludmila Guimarães e coorientadora pela professora Raquel Barreto. A pesquisadora recebeu menção honrosa da banca após a defesa, “pela excelência do trabalho e pelas contribuições da pesquisa para o campo da Administração”.

Em toda a dissertação, Hellen relata, de forma afetiva e, ao mesmo tempo, acadêmica, sua trajetória, a chegada ao CEFET-MG, o encontro com a orientadora Ludmilla e a escolha do tema. “Eu me reconectei comigo, me reconectei com minhas origens, fiz as pazes com minha negritude e minha orientadora, a Lud, teve um papel fundamental nisso. Trabalhamos intensamente no dissertar e no viver”, comemora.

“O laçar de mãos não pode ser algema e sim acertada tática”*

Para desenvolver o tema, Hellen manteve contato com um dos mais originais quilombos do Brasil, que integra o patrimônio histórico e cultural de Contagem: o quilombo dos Arturos.

A pesquisa buscou entender “os fenômenos organizacionais a partir de um novo olhar, considerando o contexto no qual se desenvolvem e resgatando o papel do sujeito como criador da própria realidade organizacional”. Para isso, foram usados recursos como entrevistas, observação participante e consulta a documentos públicos.

Os cinco participantes das pesquisas aprofundadas foram identificados na dissertação por meio de Adinkras, um entre os vários sistemas de escrita pictográfica criados na África, mas especificamente pelos povos da África Ocidental e que transmite valores fundamentais.

“A principal similaridade identificada em Arturos com as organizações convencionais é

a existência do Conselho Comunitário, em que as decisões são realizadas de forma coletiva, visando ao bem da comunidade”, explica a autora na dissertação. Hellen escreve que a comunidade dos Arturos evidencia o que o torna particular, por meio de três características indissociáveis: a ancestralidade, a resistência e o senso de pertencimento comunitário.

“É tempo de caminhar em fingido silêncio, e buscar o momento certo do grito”*

“Kilombo”, do idioma dos povos Bantu (Angola), significa local de pouso. Consta que os povos nômades da África Ocidental, antes da chegada dos colonizadores europeus, usavam esses locais de acampamento para repouso em viagens longas. No Brasil, os quilombos tiveram início no século XVI, como espaço de refúgio de pessoas escravizadas em fuga das atrocidades cometidas durante o período colonial. “Os quilombos foram oficialmente concebidos pelo Império brasileiro como uma organização política e social à margem da legalidade que oferecia um risco à ordem dominante colonial, podendo ser reinterpretada como um elemento de contestação da ordem vigente”, elucida a dissertação.

Os locais afastados e de difícil acesso contribuíam para o fortalecimento dos laços comunitários e da autonomia desses grupos. Somente com a Constituição Federal de 1988, houve o reconhecimento da cidadania da população negra e, mais especificamente, dos quilombolas.

Atualmente, são, autoproclamadas, 3.386 Comunidades Remanescentes Quilombolas (CRQ) no Brasil, sendo 2.744 com certidão de reconhecimento (o que garante o direito à

“É tempo de formar novos quilombos, em qualquer lugar que estejamos”*

Quem é Arthur?

Camilo Silvério (homem escravizado) comprou uma terra e a deixou para seu único filho, Arthur.

Antigamente, na época da escravidão, os pais dos escravos que acabou de nascer colocava como “padrinho” o dono da fazenda.

Aí Arthur estava trabalhando então pro seu “padrinho”, e recebeu a notícia, que o pai dele havia falecido.

— Oh padrinho, será que cê deixa eu dar a última benção pro meu pai?

Aí o padrinho dele foi lá e quebrou os dentes dele tudo

— Não, você não vai despedir do seu pai não, vai trabalhar!

Quando ele (Arthur) teve os filhos, falou:

— Eu quero que cês tudo mora perto de mim, porque quando eu falecer, cês vão tá perto de mim, para dar a última benção para mim.

Trechos do depoimento de Fawhodie, integrante da terceira geração quilombola (O Adinkras Fawhodie remete à “independência, liberdade, emancipação”)

*Trechos do poema “Tempo de nos aquilombar”, de Conceição Evaristo

Um a cada três jovens é vítima de violência virtual

Cyberbullying é um fenômeno social complexo, que deve ser identificado, reconhecido e tratado

*And you say: As long as I'm here, no one can hurt you
Don't wanna lie here, but you can learn to
If I could change the way that you see yourself
You wouldn't wonder why here they don't deserve you**

(Billie Eilish)

• Diogo Tognolo e Gilberto Todescato Telini •

O trecho da música *"Everthing I wanted"*, ganhadora do Grammy 2021, chama atenção para um tema sensível: a saúde mental de jovens. Ao trazer à tona ideia suicida e exposição a violências verbais, a artista americana Billie Eilish trata da importância de redes de apoio nesses casos.

Isso se relaciona diretamente com uma prática que tem feito vítimas no mundo todo: o *cyberbullying*. De acordo com a Unicef, um em cada três jovens sofreu algum tipo de violência virtual. No Brasil, mais de um terço (ou 36%) dos estudantes faltou à escola após episódios de *bullying on-line*, o maior índice da pesquisa feita em 30 países.

O *bullying* é um fenômeno antigo, mas passou a ser objeto de pesquisa a partir da década de 1970, quando a sociedade sueca demonstrou preocupação com a violência entre os estudantes e suas consequências no âmbito escolar. O uso da internet e das redes sociais transportou o fenômeno para outros formatos. No entanto, essa forma de violência deve ser identificada, reconhecida e tratada como um problema social complexo e de responsabilidade de todos. O alerta é da Coordenação de Desenvolvimento Estudantil (CDE) do *campus* Nova Suíça do CEFET-MG.

Roberto (nome fictício), aluno do curso técnico em Estradas, entende bem as consequências do *bullying* perpetrado pelas redes sociais. Usuário do *Twitter*, ele se viu envolvido em uma situação de violência apenas por usar a rede para compartilhar seus gostos. "Eu comentei no meu perfil sobre uma cantora de que gosto muito. Um infeliz repostou o meu comentário me xingando, dizendo que eu estava passando vergonha na internet, e um grupo de pessoas se achou no direito de compartilhar abertamente comentários negativos ao meu respeito", relembra.

Além de gostos, características físicas são comumente usadas para comentários violentos. Bryan Luiz, estudante de Eletrotécnica do *campus* Leopoldina, viu uma amiga ser insultada por colegas de turma em um grupo de *WhatsApp*. "Por ser uma amiga muito próxima, acabei vivenciando esse sofrimento", explica. "Ela já tinha muitos problemas com autoestima e com seu corpo, então tentei, ao máximo, ajudá-la e confortá-la nesse momento". Segundo Bryan, as redes sociais têm se tornado espaço de problemas: "Algo que foi criado para nos ajudar, infelizmente, se tornou uma coisa muitas vezes tóxica".

Perfil das vítimas e do agressor

Pesquisa recente da *TIC Kids Online* (Cetic.br/NIC.br) revela que mais meninas do que meninos reportam passar por situações ofensivas na internet e que discriminações mais comuns envolvem racismo e aparência física da vítima. “Mais meninas também têm contato com conteúdos violentos, como formas de machucar a si mesmas, formas de cometer suicídio, formas para ficar muito magras, experiências ou uso de drogas e cenas de violência ou com muito sangue”, aponta Guilherme Alves, gerente de projetos da SaferNet Brasil, entidade criada em 2005, referência nacional no enfrentamento aos crimes e violações aos Direitos Humanos na Internet.

A filósofa Vera Cotrim, do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia (DCSF) do CEFET-MG, acredita que a construção desse perfil de vítima reflete a própria sociedade, “que se organiza em torno de hierarquias de poder e desigualdade. Trata-se de uma mimetização das relações de poder que os adultos praticam acriticamente no seu cotidiano, reproduzindo machismo, racismo, admiração pelo rico, pelo poderoso”, opina.

Inversamente, o perfil do sujeito que pratica esse tipo de violência indica para pessoas do sexo masculino que, no geral, são brancas e heterossexuais. “Muitos *bullies* sofreram, eles mesmos, esse tipo de agressão; vários sofrem violências ou descaso/desqualificação em casa, por parte da família. Assim, há histórias pessoais que criam uma condição psíquica frágil, que se manifesta ou pede socorro por meio da violência sobre o outro”, explica Vera.



“É importante superar a ideia de que é menos grave o que acontece *on-line*”

A pesquisa *TIC Kids Online* mostrou ainda que pais, professores e os próprios estudantes tendem a relativizar ou se omitirem diante de condutas agressivas praticadas ou experimentadas nas redes sociais. “São comuns situações de violência que começam nos corredores da escola ou na sala de aula e continuam no virtual, com práticas que envolvem comentários ofensivos, exposição, ridicularização e mesmo exclusão de colegas de espaços de convivência *on-line*, como grupos de mensagens ou comunidades. É preciso entender ambas as instâncias como igualmente sérias, já que afetam a saúde emocional e física”, pondera Guilherme Alves.

Roberto conta que, mesmo sendo algo feito de forma remota, os impactos dos comentários a seu respeito foram reais. “Eu tentei apagar tudo antes que fosse tarde demais, mas já era. A princípio, mandei uma mensagem para o indivíduo que havia começado tudo. Ele me respondeu dizendo que tinha o direito de me achar ridículo e me xingar na internet”, relembra o estudante. “Eu fiquei realmente muito chocado com esse comentário e me entristeceu mais ainda saber que ele quis me ofender e quis que eu ficasse sentido com tudo isso. Depois desse evento, eu desativei minhas redes sociais por um bom tempo e bloqueei pessoas que estavam envolvidas nisso. Fico pensando, com o retorno presencial das aulas, como que eu vou olhar para essas pessoas?”.

Quem sofre a violência pode começar a se afastar de pessoas queridas, desenvolver baixa autoestima, depressão, aumento da ansiedade, apresentar baixo rendimento escolar, vivenciar sentimentos persistentes de tristeza e irritação. Os sintomas podem prejudicar a pessoa em longo prazo e, em algumas situações, levar à ideação suicida e a tentativas de autoextermínio. As informações são da Coordenação de Desenvolvimento Estudantil, que, em sua equipe, conta com psicólogos, assistentes sociais, pedagogos e outros profissionais que podem auxiliar e intervir diante de situações de *cyberbullying*.

**Tradução:*

*“E você diz: ‘Enquanto eu estiver aqui, ninguém poderá te ferir’
Não quero mentir aqui, mas você pode aprender como
Se eu pudesse mudar a maneira como você se vê
Você não se perguntaria porque eles não te merecem”*

Rede de apoio

O *bullying*, presencial ou *on-line*, é uma violência sistemática, ou seja, para acontecer, precisa da aceitação e participação de um grupo. Mas por que os colegas convivem com agressões e, mesmo incomodados, não se manifestam? “Acredito que seja por medo de sofrer a mesma agressão, por medo de ser isolado dos demais ao se opor, também por um pensamento de cunho individualista, do tipo ‘não tenho nada a ver com isso, vou me salvar, vou me formar e não vou me envolver com algo que não me diz respeito’”, analisa Vera Cotrim. Assumindo essa postura, o grupo investe o agressor de poder e a rede de agressão dificilmente termina.

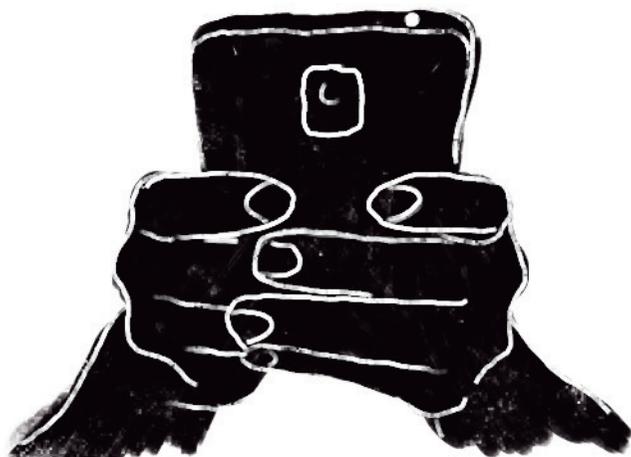
Yasmin Faria, estudante de Mecânica em Leopoldina, que sofreu *cyberbullying*, vê com dificuldades as formas como a vítima pode agir, além de tentar ignorar os ataques. “Eu tentei manter a calma, não me culpar; e por mais que a pessoa que espalhou mentiras estivesse errada, não ‘dei o troco’ em momento algum”, conta.

Se você é vítima ou presenciou algum tipo de manifestação de violência *on-line* contra algum colega, informe à Coordenação de Desenvolvimento Estudantil do seu *campus*. Serão organizadas intervenções entre vítimas, agressores, colegas e famílias. Tanto os estudantes que sofreram a agressão, quanto os que agrediram são acolhidos para que possam apresentar o seu ponto de vista sobre o ocorrido. De acordo com os relatos, serão definidos entre os envolvidos quais as ações educativas serão aplicadas em cada caso, que podem ser, por exemplo, pedidos de desculpas públicas ou privadas, suspensão de frequentar as aulas ou treinos das equipes esportivas, orientações sobre atitudes e conduta, entre outras providências.

Pais e professores podem dar sua contribuição para interromper esse ciclo. “Adolescentes e crianças podem até ter mais habilidade com a linguagem das redes e o uso das ferramentas, mas isso não significa que não precisem de mediação e apoio para identificar situações de risco e entender como agir diante delas e evitá-las. Essa orientação pode vir dos professores, da família e de outros adultos de confiança, e mesmo estimulada para que aconteça entre os próprios adolescentes, que podem ser pontos de apoio uns para os outros quando possuem informações de qualidade”, alerta Guilherme Alves, da SaferNet.

Para Yasmin, os agressores devem entender o impacto de seus atos. “Quem pratica *cyberbullying* deve ter mais consciência do peso das palavras e pensar muito antes de apontar, criticar, julgar ou debochar de alguém”, afirma. A estudante concorda que o assunto deve ser mais discutido no CEFET-MG. “Há quem diga que *bullying* é só ‘zoeira’, mas temos que ter a consciência de que a ‘zoeira’ pode trazer consequências psicológicas absurdas”, defende. “Abordar esse assunto contribui muito para que as pessoas tenham mais responsabilidade ao falar de alguém ou com alguém”.

Roberto alerta para o comportamento *on-line* e para o reconhecimento de que existe alguém por trás das mensagens e *posts* em redes sociais. “É importantíssimo reconhecer que existe um outro por trás das telas, um indivíduo com emoções, problemas e traumas; não é do direito de ninguém ofender outra pessoa”. Para ele, o tema deve ser discutido e os agressores responsabilizados: “Ofensas na internet não podem ser passíveis de tolerância, ninguém merece passar por qualquer sofrimento de graça”.



INTERNET NÃO É TERRA DE NINGUÉM!

A Coordenação de Desenvolvimento Estudantil (CDE) Nova Suíça preparou [uma cartilha com recomendações para comunicação on-line](#). Nela, você encontra tópicos sobre segurança, privacidade e autenticidade nas ferramentas digitais de comunicação. Há ainda uma seção com orientações, apoio e ajuda às vítimas de violência *on-line*.

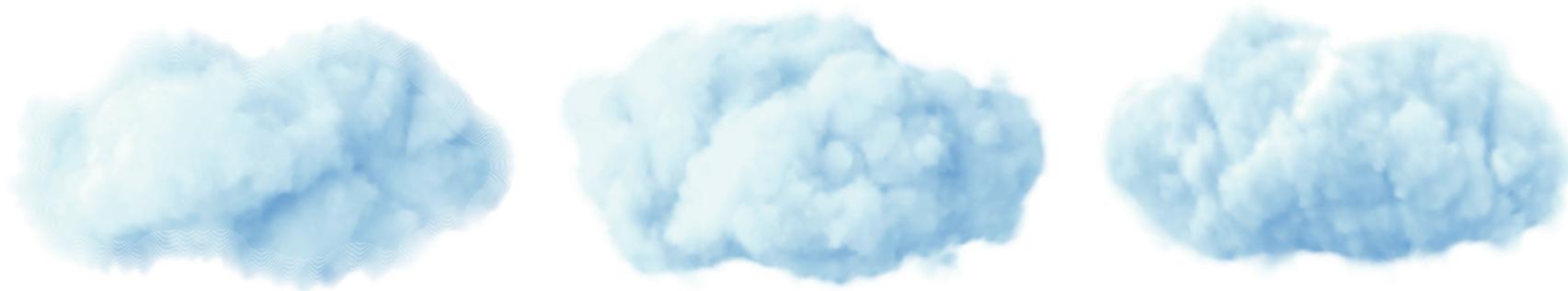
VOCÊ NÃO ESTÁ SOZINHO!

Além da escola, se você vivencia algum tipo de violência *on-line*, pode acessar o **Canal de Ajuda** (canaldeajuda.org.br) da SaferNet, que oferece orientação gratuita e anônima. Na **Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos** (denuncie.org.br), qualquer pessoa pode denunciar, anonimamente, conteúdos na internet que violem os direitos humanos.

Bullying e *cyberbullying* não são um tipo criminal, mas as condutas podem ser enquadradas em crimes ou, no caso de adolescentes, em atos infracionais correspondentes a crimes — como calúnia, difamação, injúria, injúria racial ou racismo, ameaça, perseguição (*stalking*), entre outras.

No CEFET-MG, os estudantes que forem vítimas ou presenciarem violências acontecendo com seus colegas podem procurar a Coordenação de Desenvolvimento Estudantil do seu *campus* para acolhimento e orientação.

Fonte: SaferNet e DDE



O que está acontecendo com o clima?

Pesquisadores do CEFET-MG explicam o excesso e escassez de chuva em diferentes estados brasileiros

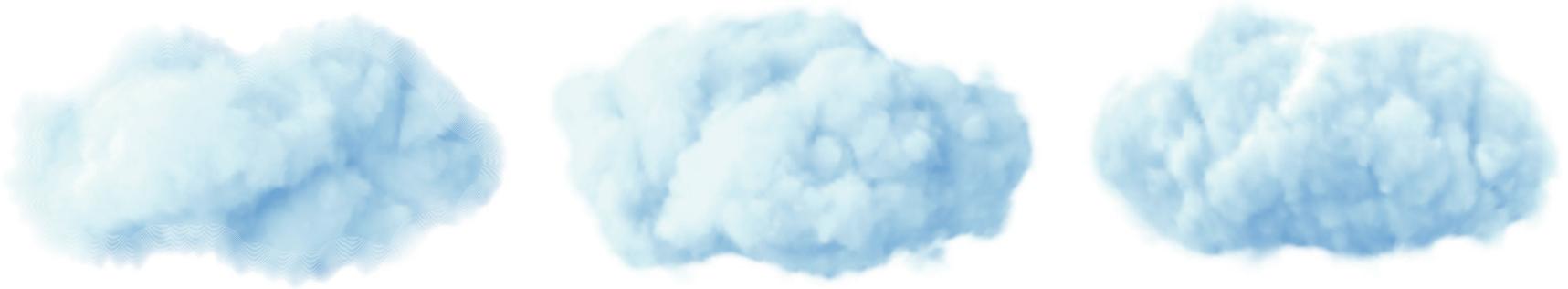
• Flávia Dias •

Os meses de dezembro de 2021 e janeiro de 2022 foram marcados por grandes volumes de chuva, ultrapassando a média em diversas cidades de Minas Gerais. Enquanto em alguns estados brasileiros há excesso de chuva, em outros, prevalece a escassez. Diante desse cenário, o que esperar de 2022 com relação ao clima? Pesquisadores do CEFET-MG explicam as oscilações interanuais e os fenômenos de grande escala, como a La Niña e seus efeitos. “A atmosfera é um sistema complexo e caótico, os modelos de previsão, sobretudo para o hemisfério sul, não acertam 100%. As previsões indicam que a La Niña vai atuar em 2022 pelo menos até o inverno, portanto teremos consequências desse fenômeno ao longo do ano no Brasil. O que se tem verificado é que a partir de fevereiro o nosso regime de chuva será irregular”, explica o professor do Departamento de Geociências do CEFET-MG e doutor em Geografia Vandeir Robson Matias.

Mas o que é La Niña e a interferência na intensidade das chuvas? O professor Vandeir explica que a La Niña é um fenômeno natural que ocorre por meio da interação oceano-atmosfera. Nessa interação, ocorre o resfriamento das águas do Oceano Pacífico, sobretudo na área do oceano equatorial. Assim, o fenômeno causa alterações no regime de chuvas e na temperatura no Brasil, causando efeitos diferentes em várias regiões.

Segundo o professor de Geografia do CEFET-MG Carlos Wagner Coelho, a La Niña pode alterar a dinâmica atmosférica em diversas regiões do mundo, remotamente, pois altera a circulação dos ventos e das marés. “Entretanto, no caso de Minas Gerais, os estudos apontam que pouco influenciam nas chuvas, mas numa leve queda da temperatura. De toda forma, vale ressaltar que é um fenômeno ‘não linear’ e, constantemente, deve ser monitorado e atualizado”, completa.

Na virada do ano (2021-2022), o Brasil presenciou volumes significativos de chuvas devido à circulação de ventos em diversos níveis, formando a Zona de Convergência do Atlântico Sul (ZCAS). “Esse fenômeno forma um forte corredor de umidade da Amazônia para o Sudeste brasileiro, ora mais deslocado ao sul, ora mais deslocado ao norte, responsável esse ano pelas fortes chuvas no sul da Bahia. Em outros anos, esse fenômeno não foi tão significativo, deixando as chuvas abaixo da média histórica”, pontua Carlos, doutor em Geografia e professor dos cursos de graduação em Engenharia Ambiental e Técnico em Meio Ambiente do CEFET-MG.



Chuvas e seus efeitos

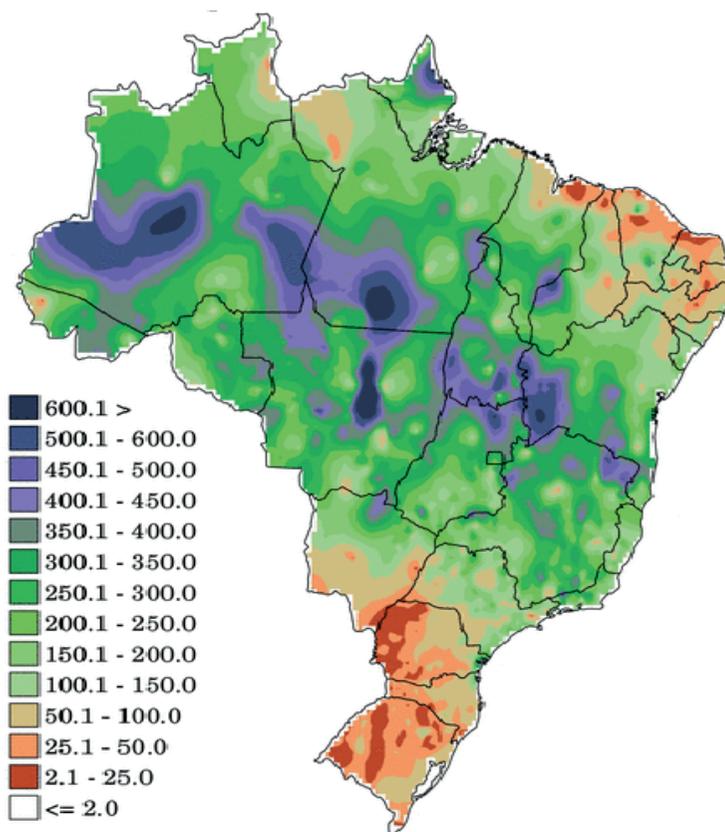
Segundo Vandeir, o que aconteceu este ano foi um conjunto de fatores mais intensos. A ZCAS cria um corredor de noroeste a sudeste, associado com uma convecção tropical local típica da época e uma frente fria que intensificou o processo. “Então, tivemos um evento chuvoso extremo. Todos esses sistemas avançaram sobre a nossa região e produziram os efeitos que nós vimos nas cidades, que possuem um planejamento urbano muito falho”, explica Vandeir.

O volume acentuado de chuvas pode provocar alguns efeitos negativos em diferentes regiões com diferentes magnitudes, associados ao mau uso do solo pelo homem, como pontua o professor Carlos. “Transbordamento de rios, deslizamentos de terras, perdas agrícolas e econômicas e até mesmo a perdas de vidas, infelizmente. Grandes centros urbanos têm sido assolados por grandes cheias ano a ano. Em Belo Horizonte, temos a região oeste com transbordamento constante do rio Arrudas, por exemplo”, sinaliza.

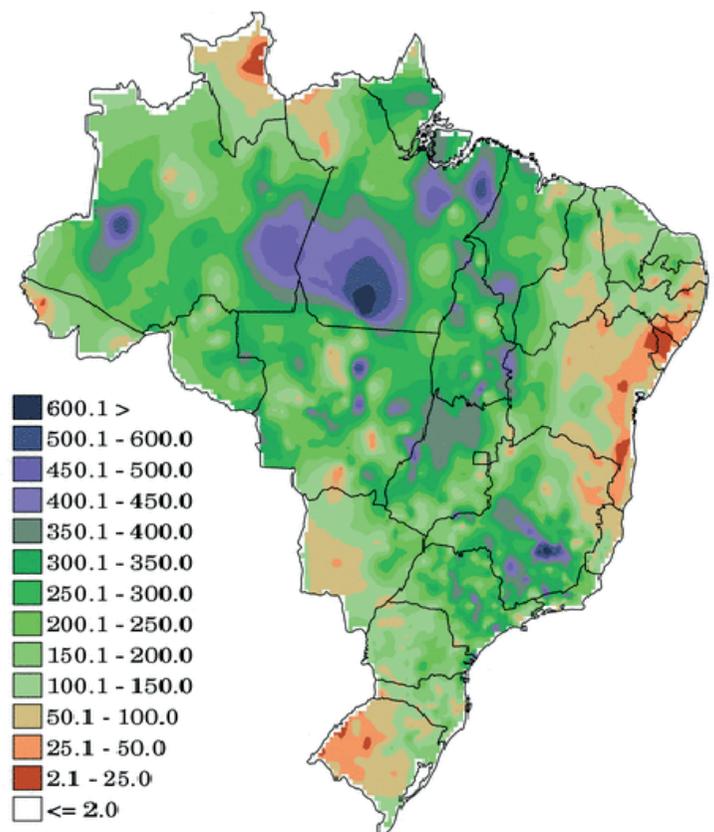
O professor Vandeir destacou ainda a relação do clima com o planejamento urbano e as questões econômicas. “Existem áreas de risco geológico que não devem ser habitadas. Quando notamos presença de habitação nessas áreas, significa que temos um problema urbano e social, que é a falta de habitação; ninguém mora em área de risco por que deseja. Então, essas pessoas ficam vulneráveis. Esse período de chuva terá todo ano, o que vai alterar o impacto dele é o nosso planejamento ambiental e urbano para lidar com essas questões”, completa Vandeir.

De acordo com o professor, quando pensamos em clima, devemos imaginar dois eixos: os elementos do clima e os fatores do clima. Os elementos do clima estão ligados à atmosfera (radiação solar, temperatura, umidade do ar, pressão atmosférica etc.). Já fatores do clima estão relacionados com a latitude, altitude, continentalidade, maritimidade, vegetação, solo, entre outros. Então, para analisar o clima, devemos relacionar todos esses elementos.

Precipitação Total (mm) | DEZ 2021



Precipitação Total (mm) | JAN 2022



FONTE: CPTEC/INPE

CEFET-MG é campeão da Olimpíada de Língua Portuguesa

Com o tema “O lugar onde vivo”, grupo de estudantes produziu artigos de opinião



• Flávia Dias •

O tema da 7ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa (OLP), “O lugar onde vivo”, foi um grande motivador para a produção de relatos dos alunos da Educação Profissional e Tecnológica de Nível Médio do CEFET-MG. Eles tiveram a oportunidade de resgatar as suas histórias e estreitar vínculos com suas comunidades. O envolvimento deles foi primordial para que saíssem vencedores na competição, na modalidade “artigo de opinião”.

O projeto campeão que representou a equipe foi desenvolvido pelos alunos da turma de Edificações do 3º ano B, sob orientação do professor de Redação Antônio Augusto Braico. A iniciativa consistiu em trabalhar o tema da Olimpíada com quatro turmas (Edificações 3A e 3B, Equipamentos Biomédicos 3A e Eletrônica 3A) e, no final, foi produzido um produto conjunto: [o site “Outras 500”](#).

O nome escolhido para a criação do *site* contemplou os textos produzidos pelos alunos. Fazendo alusão à expressão popular “Agora são outros quinhentos”, a ideia foi “mostrar outro ponto de vista sobre questões polêmicas e desafiadoras do dia a dia do lugar onde vivem, cidades e bairros da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Tudo isso, em cerca de 500 palavras; uma média para a extensão dos artigos de opinião”, explica Antônio. O *site* reúne produções acadêmicas dos alunos e apresenta postagens que discutem o valor da argumentação, a importância do gênero textual e dicas de como elaborar um artigo de opinião.

A Olimpíada, iniciativa do Itaú Social, com coordenação técnica do Centro de Estudos

e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec), reconhece o trabalho de professores e estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio de escolas públicas de todo o Brasil.

Para o professor, “dar voz aos jovens e legitimar o lugar de fala deles” foi um grande motivador, além da possibilidade de mostrar as múltiplas realidades da Região Metropolitana de Belo Horizonte em que os alunos estão inseridos. “A brincadeira com o nome leva em consideração ‘outro olhar’ para questões sociais contemporâneas: o do jovem. Com os artigos de opinião, conseguimos desenvolver e materializar uma perspectiva crítica para questões contemporâneas que são experienciadas por eles e sobre as quais têm muito a falar”, aponta Antônio.

A voz é deles

Na Olimpíada, os finalistas da competição tiveram a oportunidade de participar de aulas, oficinas, debates e conheceram visões de mundo heterogêneas, pois estiveram em contato com alunos de várias partes do país. Experiências vividas por Henrique Lemes, um dos alunos que representaram o CEFET-MG na competição.

Henrique destaca como gratificante foi a conquista, não somente pela premiação que receberam (*tablet e kindle*), mas pelo o que ela representa. “Como o artigo de opinião engloba diversos fatores componentes do modelo dissertativo-argumentativo do Enem, como argumentação, defesa de uma tese concreta,

uso de repertórios e conclusão, posso falar com toda certeza que a participação na Olimpíada contribuiu de forma significativa no aprendizado dos alunos”, conta Henrique. “O CEFET-MG abriu as portas para a participação na Olimpíada, com o excelente professor, que nos guiou e nos ensinou da melhor forma possível; graças a ele fomos campeões”, completa.

Uma das alunas envolvidas na comissão do projeto “Outras 500”, Clara Leticia Bonifácio, ressalta a importância da participação na Olimpíada por aplicar os conhecimentos que adquiriu ao longo dos anos. “Foi algo inesquecível. Senti que podia ganhar qualquer competição desde que eu estudasse e me comprometesse com aquilo. Ver a felicidade nos olhos da minha família, quando dei a notícia, foi algo mágico, pois eles sabem que essa conquista não era uma obrigação; eu participei porque realmente gostava. Além do mais, por ser uma competição em que toda a turma participou, criou um elo entre os alunos”, afirma.

Para o professor Antônio, a Olimpíada foi uma oportunidade de estimular os alunos a participarem e se envolverem mais nas aulas. Com os artigos de opinião, os alunos trabalharam aspectos úteis para o Enem, como estratégias para a boa argumentação. “A conquista representa e coroa um bom trabalho em equipe, pois os alunos souberam compartilhar; participaram das aulas, produziram e (re)escreveram quando solicitados, mantendo-se igualmente muito motivados”, afirma o professor.